

# **As Práticas de Ensino de Matemática da Escola Municipal Agrícola de Rio Claro: narrativas e crônicas das experiências de gestores e professores de Matemática no período de 1986 a 2006.**

Edna Sakon Banin<sup>1</sup>

**GD2 – Educação Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental**

## **Resumo**

Esse texto apresenta parte da pesquisa de doutorado<sup>2</sup>, concluída em maio de 2012, que teve como objetivo investigar as diferentes práticas de ensino de Matemática exercidas na Escola Municipal Agrícola Eng<sup>o</sup> Rubens Foot Guimarães, situada em Rio Claro, São Paulo. Nesse estudo recuperamos períodos significativos de sua existência, desde a sua constituição, em 1986, até 2006, obtidos e organizados por meio dos depoimentos de sujeitos que compartilharam suas lembranças. Retratamos de acordo com a metodologia da História Oral, uma versão histórica dessa escola, evidenciando também os diferentes processos de subjetivação nela ocorridos. A Escola Municipal Agrícola (EMA), inicialmente, foi idealizada como um “Projeto” de apoio aos meninos de rua, num convênio com a Fundação Nacional do Bem Estar do Menor - FUNABEM. Devido a mudanças políticas e ao término deste convênio com a entidade, suas instalações foram utilizadas para o desenvolvimento de uma escola de Ensino Fundamental II, seriada, com núcleo comum, que oferecia também disciplinas técnico-agrícolas. Demonstramos uma retrospectiva desse cenário, contemplando as práticas de ensino de Matemática e os reflexos produzidos por seu passado, rememorando e recompondo a história dessa escola e dos diversos regimes de verdade que sustentaram as distintas práticas sociais ao longo da sua existência.

**Palavras-chave:** Escola agrícola, Ensino Fundamental II, História Oral.

## **Introdução**

Sob a perspectiva da Educação Matemática e utilizando a metodologia da História Oral, apresentamos uma versão histórica da Escola Municipal Agrícola (EMA) Eng<sup>o</sup> Rubens Foot Guimarães, a única escola agrícola de Ensino Fundamental I e II, de 1<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação Matemática da UNESP/RioClaro/SP. Professora substituta no Departamento de Educação da UNESP/Rio Claro/SP. Professora de Matemática da Escola Municipal Agrícola Eng<sup>o</sup> Rubens Foot Guimarães. [edna.sakon@gmail.com](mailto:edna.sakon@gmail.com)

<sup>2</sup> “Narrativas e Crônicas das Práticas de Ensino da Escola Municipal Agrícola de Rio Claro (1986 – 2006)” Tese de doutorado defendida em 07/05/2012, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – IGCE – UNESP – Rio Claro – SP, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza. [accarreradesouza@gmail.com](mailto:accarreradesouza@gmail.com)

ano (antigo Ensino Fundamental de 1ª a 8ª série), de período integral e não profissionalizante da região. Possui ensino diferenciado, pois oferece além das disciplinas regulares, aulas técnico-agrícolas de horticultura, suinocultura, avicultura, bovinocultura, agroindústria e projetos diversificados.

Sua interessante trajetória nos conta que, nos primeiros anos de existência, manteve convênio com a FUNDAÇÃO NACIONAL DO BEM ESTAR DO MENOR – FUNABEM e posteriormente passou à escola de Ensino Fundamental, conservando algumas características iniciais.

A condição particular, aliada a fortes influências políticas manteve a escola sob constante ameaça de extinção a cada troca de gestão política, devido aos elevados gastos que promove com transporte escolar (por situar-se fora do perímetro urbano da cidade, na zona rural entre Rio Claro e Ajapí); com professores; quadro de funcionários; alimentação e ração para animais.

É desse cenário que reconstituímos uma versão histórica dessa escola, elaborada por meio das lembranças dos depoentes que protagonizaram frações constituintes de sua trajetória de 20 anos de existência que delimitamos em nossa pesquisa.

Os procedimentos de pesquisa que utilizamos estão de acordo com a metodologia empregada em História Oral, como a captação dos depoimentos (entrevistas), o tratamento das informações coletadas (transcrição e edições) e a produção textual decorrente dessas entrevistas (textualização).

Primeiramente, alicerçamos nosso estudo no que denominamos de tripé teórico de sustentação da pesquisa: História – Crônica – Narrativa, delimitando ainda, outra trilogia igualmente importante para sua constituição: Memória – Tempo – Espaço.

Em seguida, embasados teoricamente, seguros quanto ao que buscamos e previamente preparados para tratar as informações, esquematizamos ações, norteando os caminhos que nos conduziram aos depoentes. Finalmente, após o tratamento metodológico da linha de pesquisa que optamos às entrevistas coletadas, apresentamos uma versão histórica da escola, enfocando as práticas de ensino de matemática, os processos de subjetivação e os regimes de verdade capturados nos depoimentos, indicando também os reflexos do passado.

### **Bases constituintes da pesquisa**

Considerando tratar-se de uma história recente em que a maioria dos sujeitos estão vivos, com plena capacidade intelectual e boa memória, decidimos recuperar esse período significativo pela via da História Oral. Descrevermos a versão histórica dessa escola, avalizados pela fala de quem ajudou a construí-la, foi o alvo de nossa direção investigativa, com enfoque especial sobre as práticas de ensino de matemática e os processos de subjetivação nela decorridos durante esses 20 anos que propomos estudar. Compreendemos a História Oral como caminho para o objetivo de compor a história contada da escola pelos principais personagens de cada período que destacamos. Reforçando ou debilitando os ditos populares, destacando a intersecção entre crenças e acontecimentos<sup>3</sup>, oferecendo meios para interpretação sobre os dados levantados neste trabalho.

Como ponto de partida, recorremos ao Arquivo Público do Município e ao Arquivo Morto da EMA pesquisando, primeiramente em documentos, os nomes envolvidos para estruturação da pesquisa. Assim, verificamos leis, decretos, notícias, jornais daquele momento histórico, para entender o que de fato era publicado sobre a criação da escola, considerando-os como vestígios da cultura constitutiva dessa instituição escolar.

Essa incursão preliminar em busca de informações da escola nos arquivos da cidade foi necessária, para estruturarmos a pesquisa e definir endereços de depoentes bem como um roteiro objetivo de perguntas que realmente fossem relevantes à constituição do trabalho.

No arquivo morto da escola, procuramos no Livro Ponto os primeiros funcionários administrativos, tais como diretores e professores. Obtivemos, assim, os principais nomes que fizeram parte do período que delimitamos e narramos.

Com um plano de ação definido e um roteiro elaborado de acordo com a função (cargo) de cada depoente, procuramos empregar a metodologia da História Oral, utilizando um gravador Digital Voice, marca Sony.

Assim que definimos os nomes dos colaboradores, elaboramos um roteiro com perguntas abertas, proporcionando liberdade aos depoentes, deixando-os à vontade para trabalharem sua memória e trazerem à tona lembranças que detalhassem o tempo vivido. De acordo com as questões de investigação, organizamos roteiros diferentes para diretores e professores.

---

<sup>3</sup> Acontecimento - aqui tem o sentido de acidente, de um evento que tem o caráter accidental, fortuito.

Conforme os critérios metodológicos da História Oral, após a coleta dos depoimentos orais passamos à transcrição deles. Esta primeira etapa do trabalho de manipulação das entrevistas caracteriza-se pela fidelidade em descrever cada palavra como foi falada, cada vácuo de silêncio, muitas vezes mais significativo que qualquer expressão do depoente. Sem omitir vícios de linguagem, palavras repetidas, gírias e até expressões exaltadas, enfim, trata-se de descrever a entrevista na íntegra como documento escrito.

Em seguida, produzimos a 1ª edição das entrevistas retirando as perguntas e fazendo uma ‘limpeza’, numa primeira tentativa de um texto narrativo, num depoimento. Só então, partimos para a textualização que apresenta a narração do depoente, trazendo à tona a versão dos fatos vivenciados por eles sob a interpretação do pesquisador. A partir deste texto o depoente teve liberdade de vetar, acrescentar e sugerir mudanças, concedendo a autorização de publicação, por meio de uma carta de cessão de direitos.

### **Pesquisar para entender – Entender para pesquisar.**

Para realizar a empreitada foram necessários aprofundamentos em temas inerentes à metodologia que elegemos.

A História Oral vem ganhando espaço como área de estudos. Apresenta-se como uma alternativa contemporânea de registro de histórias. Fala de um passado relativamente próximo, sempre contado por sujeitos que viveram determinada situação em certa época, dependendo da memória desses colaboradores. O benefício desse método está na oportunidade de proporcionar aos entrevistados a narração de sua própria história, da sua versão dos fatos, imprimindo sua personalidade, experiência e memória. Exatamente o motivo que nos seduziu para conduzir a pesquisa. Significar, fazendo valer diversas versões, procurando pontos comuns e (des) vinculá-las entre si. Contradizer ou afirmar o que já se conhece informalmente são desafios que este método oferece para registrar vivências, além de prestar serviço a diversos campos de estudo por meio dos subsídios que uma pesquisa sempre libera.

A memória e o ato de lembrar são intensamente pessoais, portanto a memória, a subjetividade e o discurso são partes constituintes de uma produção científica em História Oral. Distintamente do positivismo científico, que declara neutralidade, o pesquisador, sob a metodologia da História Oral, assume a responsabilidade como produtor intelectual ao elaborar um texto a partir de suas próprias impressões interpretativas. Além de considerar todas as vozes como componentes significantes do texto científico final da pesquisa.

Definindo as bases que fundamentaram nosso conhecimento auxiliando-nos na condução deste percurso, apresentamos o trio História – Crônica – Narração, que constitui nosso tripé teórico inicial.

A História que conhecemos ao longo de nossa escolaridade, uma relação entre datas e grandes eventos, demarcadas por lutas de classe e poder, destaca apenas a ponta do “iceberg”, desconsiderando a massa compacta e submersa recheada por um oceano de histórias do cotidiano da humanidade, escondendo a gigantesca e não menos importante história das mentalidades (Bosi, 1974, p.19).

Já a crônica (chronos = tempo) trata dos microcomportamentos sociais, que considera os aspectos do cotidiano menosprezados pela história clássica, elencando cronologicamente os fatos. Nada do que acontece num dia é desconsiderado, pois todos os eventos grandes ou pequenos são igualmente importantes por refletirem a verdade de quem o vive. Temos como exemplo a crônica urbana e crônica Florentina na Idade Média que apresentavam, em latim vulgar, episódios de família e cenas de rua vivenciados por anônimos e registrados de forma pitoresca. Documentaram a memória de uma época com cenas recheadas de humor e ceticismo revelando conversas de rua e de janela para janela.

No início do século XX, teremos um exemplo aprimorado em *O tempo redescoberto*, crônica em que Proust descreve a aristocracia francesa. Ao contar (enumerar), fatos que se passaram cronologicamente, com riqueza de detalhes memoráveis, conta (narrar) a história singular que se passou em sua infância, juventude e velhice. Recorremos aqui ao pensamento de Bosi em sua comparação entre datas e números: “Contar é narrar e contar é numerar. Contar o que aconteceu exige que se digam o ano, o mês, o dia, a hora em que o fato se deu. O ato de narrar paga tributo ao deus Chronos.” (BOSI, 1974, p. 20)

Por certo período de tempo, a crônica foi menosprezada e classificada como gênero literário menor, por registrar apenas o aspecto descontínuo e pontual dos eventos, sem apresentar conexão entre eles. Ironicamente, após a crise das grandes teorias: evolucionista, hegeliano-marxista (Bosi, 2003, p.14) ela retorna amparada pela psicologia dos microcomportamentos para focar justamente o que a destituiu no passado: a história do descontínuo, a história de frações do cotidiano – desligada “na prática” do contexto da macro-história – e para encontrar justificativas por meio da composição destes fragmentos.

Crônica e oralidade iniciam uma caminhada de braços dados, constituindo histórias que ainda não foram contadas e reconstituindo outras para promover novas versões de

verdades, estabelecendo novos campos de investigação, como a História das Mentalidades e História das Sensibilidades. Não podemos desconsiderar, no entanto, o perigo ilusório que o entusiasmo da busca por histórias do cotidiano pode acarretar: a sua “ideologização”, como adverte Bosi (Bosi, 2003, p.15), na crença de que só esta via acessa ou desvenda a face encoberta da história política hegemônica.

A história que se firma em documentos oficiais divulga apenas as relevâncias e os “picos” que se sobressaem como fatos históricos, mas despreza detalhes como as paixões pessoais, os ressentimentos e as mágoas que são agentes determinantes numa história. Por outro lado, a história de anônimos também sofre influências tendenciosas, exercidas por ‘certas ideologias’ inerentes ao grupo social a que pertencem, uma vez que os indivíduos integram grupos que os identificam, gerando nestes a “memória coletiva” (Halbwachs, 2004, p. 34).

Pela lógica, se a crônica é contar e contar é enumerar que também é narrar um episódio, então temos que a narrativa é por consequência uma crônica?

Não podemos sintetizar a narrativa somente pela lógica tautológica. Seria simplista demais para descrever a importância desta arte.

Passar uma experiência de pessoa para pessoa, de geração a geração é o *modus operandi* da narrativa, que tem como principal objetivo, além do legado de garantir a existência de uma história e a sua atualidade, transmitir um ensinamento moral, um aconselhamento embutido. E quanto mais simples e envolvente a narrativa, mais será memorizada, lembrada e futuramente recontada.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

A narrativa, diferente da informação, é produzida evitando-se explicações maiores e pormenorizadas. O leitor é livre para interpretar como queira o que lhe foi contado, decifrando o que foi encoberto pela arte do narrador.

Para Benjamin, o narrador é um artesão com o objetivo de trabalhar a matéria-prima – a vida humana – narrando e transformando a sua vida e a de outros num produto único.

...o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que ao incluir apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade, é contá-la *inteira*. (BENJAMIN, 1994, p. 221)

Tanto para o narrador, quanto para o cronista da antiguidade, existe um interesse em comum: ambos dependem da relação do interesse entre o ouvinte e o narrador, em conservar o que foi narrado e assegurar sua reprodução. O narrador sempre tem algo mais para passar adiante, existe uma intenção, uma mensagem implícita no fato narrado, uma lição a ser repassada. Seu maior encanto está no caráter enigmático que vai tecendo ao longo da narrativa, seduzindo o interlocutor a tal ponto que, se for interrompida a qualquer momento, a sensação de envolvimento ainda permanecerá por longo tempo. Portanto, se crônica é contar no sentido de enumerar e de narrar, a narração, por sua vez, não pode ser simplesmente comparada à crônica, ela é muito mais do que mensageira do tempo, possui objetivo e estratégia. Porém, assim como o ser humano, que não pode sobreviver sem o outro, sem um interlocutor interessado para inter relacionar-se, a narrativa também, nestes moldes, tende a perecer. Para garantir a sobrevivência da narrativa, o narrador, contemporâneo atento à evolução dos meios de comunicação, também deve passar por uma metamorfose, evoluindo de acordo com as tendências e promovendo novas alternativas que garantam a sobrevivência desta arte, como Souza (2006) nos instrui:

... ao contrário do que pensa Benjamin, não é a arte de narrar que está se extinguindo, mas sim uma determinada forma de narrativa. O narrador não desaparece com o advento da modernidade, mas transforma-se: sob o jugo da diversidade ele se reconstrói, como detentor de uma versão da verdade e da realidade do mundo contemporâneo. (SOUZA, 2006, p. 41)

## **MEMÓRIA, TEMPO E ESPAÇO**

Memória, tempo e espaço, trilogia imprescindível ao conhecimento, em nosso estudo, que surpreende a cada nova lembrança.

Memória, “uma máquina do tempo” capaz de viajar e transportar para outra época aqueles que desejam participar dessa aventura: depoente, ouvinte (entrevistador) ou leitor, viajantes que caminham no passado, na história oral das lembranças evocadas... O

depoente agora mais jovem... é o protagonista de sua história. O vigor e a determinação de quem conhece o futuro tecem a trama do que já foi um dia... A entonação vocal muda, o olhar brilha e tudo quanto foi significativo vem à tona, sejam lembranças positivas ou negativas, uma flui como água da nascente, outra pode ser suprimida, completamente esquecida, ou simplesmente omitida.

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. (HALBWACHS, 2004, p. 64)

A memória tem função decisiva, uma vez que transporta o corpo presente ao passado, intervindo no fluxo dos acontecimentos atuais. A memória seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”, pois teria a função de limitar algo que consideramos indefinido, seja um pensamento, seja uma ação, conduzindo o indivíduo a reproduzir formas de comportamentos outrora aprovados.

Maurice Halbwachs, principal estudioso das relações entre a memória e a história pública, aborda a memória como fenômeno social, enfocando os nexos das relações interpessoais. Para ele a lembrança é a reconstrução do passado, repensado com as imagens e ideias de hoje. A lembrança seria então uma imagem construída com todos os materiais que estão na consciência atual à nossa disposição. Em sua teoria a percepção das coisas sofre alterações através do tempo, por meio das nossas ideias e atualizações, uma vez que a evocação do passado no presente elimina as identidades entre as imagens ressaltando os pontos distintos entre elas, ou seja, as inovações.

O grande desnível entre as experiências vividas por pessoas que compartilharam a mesma época ou o mesmo espaço em épocas diferentes é um dos privilégios que os depoimentos oferecem. É nossa função, portanto, interpretar olhares, interdições, hesitações e gestos como constituintes das lembranças e esquecimentos, bem como considerar todas as nuances da entrevista, valorizando cada trecho dela, colhendo o maior número possível de informações, permitindo que se manifeste a visão de mundo na fala dos colaboradores. Ao estudar as narrativas, devemos observar e compreender as omissões e entrecortes narrativos existentes.

Recompor comportamentos e sensibilidades de uma época por meio de testemunhos de vida, enfocando especialmente as tensões implícitas nos depoimentos,

enriquece qualquer registro histórico de documentos oficiais, esquematizados e sintetizados a fim de privilegiar o poder ou o grupo de identidade a que pertencem. Como tensões implícitas entendemos os *subentendidos*, como uma frase irônica encobrindo o verdadeiro motivo gerador de algum fato; as sugestões encobertas pelo silêncio; a negação ou assentimento revelado por um simples menear da cabeça.

Testemunhas orais podem, também, servir à memória institucional, quando a memória coletiva produzida por um determinado grupo reproduz a ideologia das redes de poder sobre a memória individual do recordador.

Outra possibilidade são as interdições de origem social, pois afetam subjetivamente a percepção que o depoente tem de sua história. Uma das compreensões possíveis destas interdições sociais advém do entendimento dos efeitos da alienação promovida pelo tempo vazio, fruto das horas mortas criadas pela sociedade industrial, cada vez mais invasivas em nosso cotidiano. Benjamin e os escritos sobre Charles Baudelaire demonstram como memória e tempo articulam distintas e possíveis versões históricas.

O tempo histórico, a cronologia, a linguística e a decorrente narrativa do que se viveu, do que se viu, do que se leu ou ouviu são subservientes à memória. É no tempo que o passado pode ser presente e o futuro sugerido por meio da viagem que a memória pode proporcionar.

A memória nos possibilita visitar qualquer acontecimento no espaço e no tempo, ressaltando configurações mais intensas marcadas por algum significado coletivo de acordo com Halbwachs. As “marcas”, obtidas em experiências vivenciadas no decorrer de nossas vidas, nos constituíram e nos constituem. Cada marca indica momentos felizes ou nem tanto, fortes ou frágeis, e o rememorar meditativo encontra direções para ações presentes.

Se a memória é coletiva, como nos prega Halbwachs, e o tempo e o espaço estão cada vez menores e desagregadores, conseqüentemente estamos perdendo “nosso chão” no sentido de perda da identidade. Caminhamos para padronização de modos de viver, para uniformização e impessoalidade. Sem o espaço, representado pelo grupo familiar juntamente com objetos que marcam sua presença por um período significativo de nossas vidas, não temos onde apoiar nossa memória e evocar preciosas lembranças no futuro.

A sensação de segurança e continuidade subsidia nossa memória com os objetos materiais, sem os quais não haveria suporte para nos lembrarmos de algum evento ou situação ocorrida

Nossa casa, nosso entorno material com objetos nos são muito caros, não no sentido material, mas no de um legado, pois carrega a nossa marca e a dos outros envolvidos nessa relação. A maneira como são espacialmente determinados os cômodos da nossa casa e os objetos nela dispostos lembram nossa família, amigos e momentos agradáveis compartilhados nesse meio, e esta sociedade silenciosa – os objetos (Halbwachs, 2004, p. 138) – produz essa impressão de solidez interior.

Assim, as imagens espaciais quando permanecem imóveis por longo tempo, também expõem a estabilidade de outros grupos sociais. A estabilidade da decoração do interior de um alojamento ou da sala do diretor de uma escola impõe ao grupo uma imagem serena de sua continuidade.

Um mesmo espaço para duas pessoas pode representar ‘espaços’ diferentes. Uma pessoa pode correr todos os dias num parque fazendo seu exercício matinal, enquanto outra só irá ao mesmo parque para fazer piquenique. Trata-se do mesmo espaço com significados diferentes para cada uma.

Compreendemos os caminhos que perseguimos até o momento, como norteadores da produção deste trabalho. Acreditamos que este estudo nos trouxe o levantamento dos ‘ingredientes’ necessários para a produção de um “delicioso bolo”. Do mesmo modo que precisamos escolher muito bem os ingredientes, devemos conhecer também as propriedades particulares de cada um, para prever o efeito que causará no produto final. Analogamente, foi o que tentamos fazer neste momento, preparar todos os ‘ingredientes’ e de posse deles iniciar a produção com o mesmo cuidado e critérios de um grande Chefe de Cozinha.

Sintetizando, compreendemos melhor a substância da memória subsidiada por Ecléa Bosi; obtivemos embasamento sobre a dimensão temporal inerente à memória (Bergson); a experiência individual e ao comportamento psicossocial (memória coletiva) inspirado em Halbwachs; encontramos suporte em Benjamin, quanto à narrativa (oralidade), sensibilizando nossa atenção à complexidade dos fenômenos psicológicos.

A partir desses alicerces teóricos, procuramos construir a trajetória histórica da EMA, em uma versão organizada segundo os depoimentos coletados, buscamos materializar o que identificamos como a experiência histórica dos sujeitos, durante esses anos do período investigado, da cultura escolar que constituiu a EMA neste recorte temporal.

Negociar e elencar todos os depoimentos devidamente textualizados e autorizados fez parte de uma prazerosa tarefa, em que inserimos as textualizações dos depoimentos em ordem cronológica, separados em dois ATOS, subdivididos em Episódios. Delineamos a passagem dos depoentes na história da escola tal como nos foi apresentada por eles, definindo o que seria “o coração” deste primeiro trabalho documentado, em que conservamos certa organização e genérica sequenciação dos fatos. O 1º ATO destaca os depoimentos dos gestores da escola, o 2º ATO foi reservado aos professores de Matemática e em EXTRAS temos duas entrevistas bônus, o depoimento do ex-prefeito Dr. Lincoln Magalhães e do patrono vivo da EMA, o Sr. Engº Rubens Foot Guimarães.

Em seguida entreteceamos as trajetórias, assumindo a tarefa de interpretar a pesquisa realizada, tecendo uma paisagem-versão de tudo o que conseguimos capturar com este trabalho, imprimimos nossa presença como os ‘fios de arremate’ numa obra de tapeçaria, delineando o contorno das diversas histórias rememoradas.

Finalmente, emolduramos o quadro histórico dos 20 anos da EMA, mencionando os reflexos do passado, apresentando a repercussão da pesquisa no cotidiano da escola, por meio das mudanças provocadas durante e depois dos depoimentos, demonstrando a importância de conhecer a origem histórica das instituições de ensino, bem como reconhecer e respeitar sua identidade. Sentimo-nos privilegiados em produzir, sob a perspectiva da Educação Matemática, a primeira versão histórica da Escola Agrícola.

## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, V. *História oral e Arquivos*. In: Silva, Z. L. (Org.) **Arquivos, Patrimônio e Memória – Trajetórias e perspectivas**, São Paulo: Editora Unesp, 1999.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, Obras escolhidas: v.I

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, Obras escolhidas: v.II.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1990.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: Novaes, A.(Org.) **Tempo e história**. São Paulo, companhia das Letras,1992.

BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular** – Leituras Operárias. Petrópolis, Vozes, 1986.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 3ª Ed. Vega, Portugal: Passagens, 1992.

FREITAS, S. M. **História Oral – Possibilidades e Procedimentos**. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2006.

GARNICA, A. V. M. *Escolas, professores e caipiras: exercício para um descentramento histórico*. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 121-136, 2005.

GUEDES-PINTO, A. L.; SILVA, L. C. B.; GOMES, G. G. **Memórias de leitura e formação de professores**, Campinas: Mercado de Letras, 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Plural Editora e Gráfica, 1998. p. 5364 e 5389. v. 22.

MARTINS, M. E. **Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP)**. Relatório de Iniciação Científica. FAPESP/Departamento de Matemática, Universidade Estadual de São Paulo, Bauru, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. Palavras aos jovens Oralistas: entrevistas em História Oral. **Oralidades: Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral, USP, Ano 2, n. 3, 2008.

OLIVEIRA, L. A. Imagens do tempo. In: Doctors, M. (Org.) **Tempo dos Tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SOUZA, A. C. de. *O sujeito da paisagem. Teias de poder, táticas e estratégias em educação matemática e educação ambiental*. In: BICUDO, M. A.V. e BORBA, M. de C.(Org.). **Educação Matemática: Pesquisa em Movimento**. São Paulo, Cortez, 2004.

SOUZA, A. C. de; SOUZA, G. L. D. de. Cotidiano e Memória. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá: UEM. 2001, 4(8), p.63-72.

SOUZA, A. C. de; SOUZA, C. D. de. Narrativas da Modernidade. In SE&PQ – Sociedade De Estudos E Pesquisas Qualitativos **Revista Pesquisa Qualitativa**. Bauru, Projetos Editoriais, 2006.

SOUZA, G. L. D. **Três Décadas de Educação Matemática: Um Estudo de Caso da Baixada Santista no Período de 1953 – 1980**. 1998. 278 f.. Dissertação (mestrado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo. In Silva, T. T. (Org.) **Trabalho, Educação e Prática Social**. Poeto Alegre: ArtMed, 1991, p. 267-304.

